

PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS RECÉM-DOCTORES EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: Poucas estrelas numa multidão de baixo desempenho

CHRISTIAN DANIEL FALASTER

UNINOVE – Universidade Nove de Julho
c.falaster@hotmail.com

MANUEL PORTUGAL FERREIRA

UNINOVE – Universidade Nove de Julho
manuel.portugal.ferreira@gmail.com

FERNANDO RIBEIRO SERRA

UNINOVE – Universidade Nove de Julho
fernando.serra@hsmeducacao.com.br

*Esta pesquisa teve o apoio financeiro do CNPQ (MCTI/CNPQ/Universal 14/2014).

Ensino e Pesquisa em Administração: Tema 3. Planejamento e Organização de Cursos e Programas

PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS RECÉM-DOCTORES EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: Poucas estrelas numa multidão de baixo desempenho

RESUMO

A formação de novos doutores em Administração visa, majoritariamente, formar novos professores e pesquisadores para integrar posições que requerem competência em pesquisa. Neste artigo, investigamos a produção científica dos novos doutores em Administração formados pelas universidades brasileiras. Especificamente, avaliamos os níveis de produção científica dos doutorados egressos, e comparamos com o conceito CAPES do programa. Metodologicamente, construímos uma base de dados com 734 recém-doutores formados entre 1998 e 2008, e sua produção de artigos científicos nos seis primeiros anos após a conclusão do doutorado. Os resultados revelam que os 10% mais produtivos acumulam a maioria da produção científica em volume e qualidade, havendo uma grande maioria que publica muito pouco. O programa da FEA/USP emerge como o celeiro - dos recém-doutores de maior potencial - e a titulação por um departamento de alto conceito CAPES não é indicador exato do alto desempenho futuro dos egressos.

Palavras-chave: Produtividade em pesquisa; Pesquisa em Administração; recém-doutores; Programas de doutorado.

THE RESEARCH PRODUCTIVITY OF NEW BRAZILIAN PHDS IN MANAGEMENT: A few “star” performers outshine a mass of underperformers

ABSTRACT

The formation of doctors is primarily intended to train new professors and researchers to take positions requiring research competency. track record of publication. In this article, we observe the level of scientific production of 734 new Ph.D, and the possible link between the scientific output of the graduates and doctoral program rank. Methodologically, we built a database gathering production of all people titled as doctors in management by Brazilian doctoral programs during the period of 1998-2008, gathering data of the first six years after their degree. Results show that 10% of all new doctorates account for most of the Brazilian research productivity while most of the Ph.D have a very low performance. FEA/USP proved to be the “cellar” of the main “stars” – new Ph.D with the highest potential – and that the CAPES qualification of a program is not a predictor of the performance of the future graduates.

Keywords: Research Productivity; Management Research; Formation of Doctors; Doctoral programs.

*Esta pesquisa teve o apoio financeiro do CNPQ (MCTI/CNPQ/Universal 14/2014).

1. INTRODUÇÃO

Os programas de doutorado são concebidos para formar pesquisadores para os quadros de ensino e pesquisa das universidades. Assim, os programas doutorais atraem estudantes que pretendem seguir uma carreira acadêmica (Ferreira, 2013). As universidades investem na construção da reputação dos seus programas doutorais e na formação dos doutores (Stephan 1996) e os estudantes selecionam os programas aos quais se candidatam com a expectativa que o aprendizado e a reputação da instituição onde se titulam contribuam para uma carreira prolífica (Conley & Önder, 2014). Assim, os melhores programas de doutorado tenderão a atrair mais e melhores candidatos a estudantes e, conseqüentemente, serão estes os programas que titularão os futuros pesquisadores com maior produtividade acadêmica.

A produção acadêmica tem um papel importante na vida dos professores de programas *stricto sensu* (Stephan 1996; Ferreira, 2013; Maccari et al., 2014). As regras institucionais impostas pela CAPES exigem um certo nível de produção científica dos professores de um programa, para que este seja bem avaliado (Maccari et al., 2009; Nascimento, 2010). Portanto, os programas acabam por valorizar os pesquisadores mais prolíficos, tornando a produção científica um fator determinante na carreira dos pesquisadores (Bedeian, 2003).

Neste artigo, examinamos a produção científica (ou seja, a publicação de artigos em periódicos científicos com revisão pelos pares) dos recém-doutorados nos programas em Administração pelas universidades Brasileiras e analisamos a sua relação com o conceito do programa doutoral. O estudo tem dois objetivos primordiais: primeiro, observar os níveis de produção científica dos doutorados e, segundo, examinar a possível correspondência entre o conceito do programa (usado como métrica de qualidade) e a produção científica dos seus egressos. Este artigo adapta para o Brasil o estudo de Conley e Önder (2014) sobre a produtividade científica dos recém-doutores em Economia de programas doutorais americanos e canadenses, em que concluíram que não havia um efeito significativo do ranking das universidades na produtividade futura dos seus doutores egressos. Num contexto em que se debatem diversas facetas do sistema institucional brasileiro, alimentando inúmeras críticas sobre produtivismo (Nascimento, 2010; Alcadipani, 2011; Bertero et al., 2013), as publicações em revistas estrangeiras de fraca qualidade, ou do tipo *pay for publication* (Bartholomew et al., 2014), e a própria avaliação da CAPES aos programas *stricto sensu*, entre outras, importa examinar a realidade brasileira. Especificamente, esperamos uma relação positiva entre o conceito do programa doutoral e a produção científica dos seus egressos, com os programas doutorais de maior conceito formando os pesquisadores mais prolíficos.

A execução do estudo envolveu a construção de uma base de dados contendo o levantamento de todos os egressos de programas de doutorado em Administração entre 1998 e 2008, em universidades brasileiras, com dados dos Cadernos de Indicadores CAPES. Onze programas foram analisados, numa amostra final de 734 recém-doutorados. Também coletamos, nos currículos Lattes, os dados sobre a produção científica de cada doutorado durante os primeiros seis anos após titulação (por exemplo, para os titulados em 2000 contabilizamos a sua produção entre 2001 e 2006), e classificamos a produção segundo o Qualis.

Os resultados mostram que um pequeno número de “estrelas” publica um grande volume de artigos e os melhores artigos (artigos de impacto), enquanto um grande número de recém-doutores publica muito pouco, ou nenhum artigo científico nos seis primeiros anos após titulação. O conceito CAPES do programa doutoral não demonstrou ser um bom preditor da produtividade futura dos seus doutores egressos. A maioria dos egressos, mesmo dos programas de conceito mais alto produzem pouco, enquanto há também egressos de programas doutorais com menor conceito com níveis de produção superiores. Ainda assim, a FEA/USP (com conceito 7) emerge como o “celeiro” dos pesquisadores de maior, e melhor produção científica.

O estudo sobre a produtividade dos doutores no Brasil tem implicações práticas para os diversos intervenientes. Para os futuros candidatos a programas doutorais em Administração, para as direções dos próprios programas doutorais, e para os órgãos reguladores e de fomento que estabelecem as normas e regras. Há, também, implicações para o debate sobre os critérios de classificação da CAPES. Os resultados são, também, úteis para os recrutadores que necessitam decidir se contratam doutorados com baixa produtividade de programas doutorais de alto prestígio, ou doutorados produtivos de programas de prestígio mais modesto (Conley & Önder, 2014). Pelo menos em parte, os resultados do estudo lançam o questionamento do real impacto que tem o prestígio dos programas sobre o desempenho dos seus egressos, o que poderá gerar algumas dúvidas e um debate salutar sobre os critérios institucionais utilizados na avaliação dos programas de *stricto sensu*.

O artigo está organizado em cinco partes. Na primeira, revemos a literatura relevante sobre a produção científica com um apontamento do contexto institucional brasileiro. Em seguida, apresentamos a metodologia, incluindo os procedimentos de coleta de dados e a amostra. A terceira parte inclui os resultados que instigam, na quarta parte, uma discussão mais alargada sobre a produtividade dos doutorados, os programas doutorais e, mais genericamente, a realização e publicação acadêmica em Administração.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Ao longo das últimas décadas, muitos países têm instituído políticas públicas para garantir o desenvolvimento e a produtividade científica (Liu et al., 2014). Com a criação e fomento de universidades e institutos de pesquisa para alavancar a produção de conhecimento, importa aos governos averiguar a qualidade e quantidade da produção científica. Assim, instituem-se métricas que permitam avaliar a produção, ou produtividade científica dos pesquisadores (Galbraith et al., 2014) e instituições em que estão afiliados (Maccari et al., 2009). Notavelmente, países que instituem indicadores de produção para avaliar seus pesquisadores costumam ter notáveis aumentos de produtividade (Bouabid, 2014; Ingwersen & Larsen, 2014; Hilton, 2014).

2.1 Indicadores de produção

Apesar de não haver, internacionalmente, uma uniformidade de critérios, as métricas usadas para medir a produção científica dos pesquisadores (comumente a produção refere-se à publicação de artigos científicos em periódicos) tendem a assentar sobre dois tipos de informação. Um tipo é informação quantitativa, da quantidade de artigos publicados em periódicos reconhecidos pela academia – de impacto, ou reconhecidos pelos pesquisadores do país em questão. Outro tipo é informação qualitativa (Carpenter et al., 2014) que pode basear-se em diversos aspectos como sejam o número de citações ao artigo (Bouabid, 2014; Galbraith et al., 2014), ou a qualidade da revista onde o artigo foi publicado (Carpenter et al., 2014).

As avaliações qualitativas têm ganho maior relevância na aferição da produção dos pesquisadores. Em parte, este fenômeno se deve à emergência de inúmeras revistas que não demonstram seguir os melhores critérios de avaliação acadêmica (Bartholomew, 2014) onde é mais fácil publicar (Carpenter et al., 2014). Os índices de impacto (ver Garfield, 1955) são a forma mais comum de aferir a qualidade dos artigos e as revistas onde foram publicados (Garfield, 2006), servindo como guia para pesquisadores e instituições.

Embora a intervenção das instituições reguladoras seja relevante, não é a única fonte de motivação do trabalho dos pesquisadores. A produção científica dos pesquisadores é um dos principais aspectos que constroem a sua própria reputação e reconhecimento pelos pares (Bedeian, 2003). Um currículo com publicações de qualidade, e com citações pelos pares, é altamente valorizado na carreira, ainda que talvez mais marcadamente nos EUA (Thoenig & Paradeise, 2014) e em alguns países europeus (Ingwersen & Larsen, 2014). Nas universidades

norte-americanas, por exemplo, as publicações científicas impactam diretamente na empregabilidade e na carreira dos pesquisadores (Galbraith, 2014), sendo determinantes para as promoções e aumentos salariais (Stephan, 1996). Assim, além de eventuais aspectos relacionados com a satisfação individual da descoberta e do contributo para a sociedade, há incentivos institucionais para a publicação (Stephan, 1996) e motivações pessoais dos pesquisadores.

A expressão “*public or perish*” (Harzing, 2010) é amplamente usada em países onde os sistemas institucionais exigem que os pesquisadores publiquem artigos de alta qualidade (ou, mais especificamente, em revistas de alto impacto) para garantir a sua posição nas universidades (Carpenter et al., 2014). E, embora o “publicar ou morrer” represente para os recém-doutorados, em fase inicial da carreira, a necessidade de publicações de impacto para conseguirem obter *tenure* – a estabilidade acadêmica como professor de universidade (Baccini et al., 2015) – também é relevante para progressões futuras.

2.2 Cenário institucional brasileiro

No Brasil, o sistema institucional que zela pela pesquisa nos programas doutorais é estabelecido pela CAPES (Castro & Soares, 1983; Shigaki & Patrus, 2012; Maccari & Nishimura, 2014). Em 1951, o governo brasileiro estabeleceu a CAPES com o objetivo de proporcionar a formação de pessoal especializado em qualidade e quantidade para o desenvolvimento do país (Shigaki & Patrus, 2012). Em 1977, a CAPES passou a avaliar os programas de *stricto sensu* (Castro & Soares, 1983). A avaliação da CAPES é importante para os programas, pois melhores indicadores facilitam a obtenção de recursos públicos (Maccari et al., 2008).

A CAPES institui regras de avaliação dos pesquisadores e dos programas *stricto sensu* (Maccari et al., 2009). Ao realizar a classificação – ou recomendação – dos programas de *stricto sensu*, a CAPES avalia uma série de requisitos para classificar cada programa numa escala entre 1 e 7 (Maccari & Nishimura, 2014). Entre os critérios avaliados, estão uma forte valorização da produção científica (Nascimento, 2010) em revistas com avaliação pelos pares (Shigaki & Patrus, 2012). Outros critérios incluem a proposta do programa, perfil, experiência e estabilidade dos docentes, qualidade das teses e dissertações e produtividade dos discentes e inserção social (Maccari et al., 2014). Mas, as métricas não são estáticas, antes são continuamente revisadas e aprimoradas. Uma das mudanças de critérios mais impactante realizada pela CAPES foi o fim da pontuação proveniente de apresentações de artigos em eventos científicos no triênio 2010-2012 (Nascimento, 2010). Os eventos passaram a pontuar cada vez menos desde a avaliação de 2007, sendo focados os pontos provenientes de publicações em revistas estratificadas pelo Qualis (Maccari & Nishimura, 2014) e gerando maior pressão para a publicação pelos pesquisadores (Maccari et al., 2009).

3. MÉTODO

3.1 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados assentou em três procedimentos. O primeiro envolveu a identificação dos doutores titulados em cada programa doutoral. Para o efeito, consultamos os cadernos de indicadores na base de “cursos recomendados” da CAPES (disponível em: <http://www.capes.gov.br/cursos-recomendados>) de onde coletamos as referências de todas as teses de doutorado apresentadas em cada instituição, por ano. A base da CAPES apenas inclui dados a partir de 1998, assim delimitando o limite inferior do período estudado.

O segundo procedimento, envolveu buscar o nome completo do autor de cada tese constante na base, utilizando principalmente os repositórios de teses dos programas doutorais. Para teses não indexadas nos repositórios, foram utilizados o Google acadêmico e o sistema Spell para localizar artigos que poderiam ser provenientes da tese apresentada. Assim, foi possível identificar os nomes completos dos recém-doutores.

O terceiro procedimento requereu o levantamento da produção acadêmica de cada doutor. Para este efeito recorremos aos currículos Lattes, de onde extraímos quatro variáveis: o número de artigos publicados, o número de artigos publicados em revistas brasileiras de Qualis A2, o número de artigos publicados em revistas internacionais (no caso, revistas sediadas fora do Brasil), e o número de artigos publicados em revistas internacionais de nível A1 no conceito Qualis da CAPES.

Para definir o horizonte temporal do estudo, seguimos Conley e Önder (2014) e consideramos apenas as publicações ocorridas nos seis anos após a titulação de doutor. Assim, dispomos de um horizonte temporal entre 1998 e 2014. No entanto, de modo a contemplar apenas os seis primeiros anos após o egresso, o estudo apenas inclui os egressos entre 1998 e 2008. Delimitando uma janela temporal é possível estabelecer uma comparação entre produções acadêmicas sem criar o viés de contrastar doutores que se titularam a mais tempo como mais prolíficos, por terem tido mais tempo para publicar. A seleção de um período de seis anos é algo arbitrário, mas não apenas segue Conley e Önder (2014), como também os seis primeiros anos após a titulação demonstrarem-se determinantes no posicionamento e na estabilidade – equivalente à *tenure* nas universidades americanas – do doutor em um programa de pós-graduação.

3.2 Classificação dos dados

Para classificar a produção dos recém-doutores, usamos a classificação Qualis atual (2015) das revistas: (1) número absoluto de artigos publicados nos seis primeiros anos após a titulação, (2) número de publicações em revistas de nível Qualis A2 nacionais na área “Administração, Ciências Contábeis e Turismo”, tendo classificado os artigos nas revistas A2 dos onze seguintes: Brazilian Administration Review, Brazilian Business Review, Gestão & Produção, Organizações & Sociedade, Revista de Administração Contemporânea, Revista de Administração de Empresas, Revista Brasileira de Economia, Revista Contabilidade & Finanças, Revista de Administração da FEA/USP (RAUSP), Revista de Administração Pública e Dados. (3) Número de artigos internacionais, considerando os artigos publicados em revistas indexadas no Qualis CAPES com base fora do Brasil, e (4) o número de artigos publicados em revistas internacionais de nível A1 na área, seguindo as indicações da Qualis CAPES.

As escolhas das classificações se justificam pois o número absoluto de artigos publicados indica a produtividade do recém-doutor sem observar a qualidade da publicação. Já as revistas de Qualis A2 indicam as publicações nacionais de maior relevância acadêmica. Publicações internacionais demonstram o grau de internacionalização da produção, enquanto os artigos internacionais A1 demonstram o nível máximo de qualidade na publicação dos pesquisadores.

3.3 Amostra

A pesquisa na base da CAPES permitiu identificar 829 doutorados no período entre 1998 e 2008. Excluímos 24 observações por se tratarem de estrangeiros que se titularam em programas doutorais no Brasil, mas que não há indicação de terem permanecido no Brasil e não mantêm Lattes atualizado. Também excluímos 71 outros doutorados por não possuírem currículo Lattes ou não terem atualizado seu currículo Lattes com a produção realizada. Por fim, excluímos os doutorados por duas instituições - UNB e UFPR – porque apenas graduaram um doutor até 2008.

A amostra final ficou composta por 734 recém-doutorados titulados por 11 programas de doutoramento em Administração no Brasil entre 1998 e 2008. Atualmente há outros programas de doutoramento no Brasil, mas ou não existiam durante a janela do nosso estudo ou não graduaram doutores no período, como, por exemplo, o PPGA da UNINOVE e ou o PMDI da ESPM, entre vários outros.

As Tabelas 1 e 2 caracterizam a amostra. Na tabela 1 apresenta-se o número de doutores formados por cada programa de doutorado em Administração no período. É perceptível o aumento do número de doutores em Administração formados ao longo dos anos. Os programas mais antigos têm maior representação de participantes na amostra, destacando-se a FEA/USP (234 doutorados), a FGV/SP (184) e a UFRGS (105).

Tabela 1. Caracterização da amostra: Instituições e egressos doutorados (1998 a 2008)

Início do prog.	Conceito	Prog.	'98	'99	'00	'01	'02	'03	'04	'05	'06	'07	'08	Total de Drs. na amostra
1975	7	FEA/USP	13	13	23	14	14	12	30	23	23	31	38	234
1976	7	FGV/SP	17	14	9	16	15	29	23	15	18	9	19	184
1994	5	UFRGS	3	3	8	12	4	3	12	20	20	9	11	105
1995	6	UFMG		2	5	7	1	5	10	5	4	7	6	52
1993	5	UFBA			5	4	1	5	4	4	2	12	5	42
1976	4	UFRJ			2		2	4	1	8	8	3	4	32
1997	5	PUC/RIO				1	2	2	6	3	3	4	1	22
1997	6	FGV/RIO						4	2	4	2	1	6	19
2000	5	UFLA					1			2	5	6	4	18
2000	4	UFPE								3	5	3	2	13
2003	5	UPM									1	6	6	13
Total			33	32	50	54	40	64	88	87	91	91	102	734

Nota: os valores expressos indicam o número de egressos doutorados na classe do ano respectivo.

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

A Tabela 2 apresenta o numero total de publicações por programa doutoral. Os programas mais antigos têm maior número de egressos e o maior número total de artigos publicados. É possível constatar que um grande volume de produção não significa necessariamente produção de alta qualidade (de artigos A2 ou internacionais, por exemplo). Também é evidente que grande quantidade de artigos publicados por uma instituição não necessariamente representa uma alta média de artigos por recém-doutor nessa instituição. A FEA/USP e a FGV/SP despontam entre os programas com o maior número de artigos publicados, com 1678 e 846 artigos, respectivamente.

Tabela 2. Caracterização da amostra: Produção por instituição

Programa	Nº de artigos publicados	Nº de artigos A2 nacionais	Nº de artigos internacionais	Nº de artigos internacionais A1	Média de artigos por recém-doutor
FEA/USP	1678	196	188	13	7,2
FGV/SP	846	186	84	9	4,6
UFRGS	776	139	98	12	7,4
UFMG	516	82	35	0	9,9
UFRJ	208	25	55	10	6,5
UFPE	201	18	17	1	15,5
UFBA	196	31	5	2	4,7
UFLA	189	19	19	3	10,5
PUC/RIO	106	23	23	1	4,8
FGV/RIO	93	14	14	1	4,9
UPM	54	7	13	0	4,2

Nota: Ordenado pelo número total de artigos por instituição.

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

3.3 Procedimentos de análise

As análises realizadas são, eminentemente, de caráter descritivo. Os dados de médias foram calculados e divididos por turma de titulação, que é composta por todos os doutores titulados no programa doutoral de cada universidade no ano específico. Nas análises também recorreremos aos percentis. Por exemplo, para observar a produtividade dos pesquisadores usamos os percentis, classificando nos percentis 99, 95, 90, 80, 70, 60, e 50. Ou seja, estes percentis podem ser lidos como indicando o ponto onde parte da amostra (1% no 99º percentil, por exemplo) está acima da determinada pontuação, enquanto o resto da amostra está abaixo (99% da amostra, no 99º percentil, por exemplo).

3. RESULTADOS

A Tabela 3 contém as médias, desvio padrão e correlações. Para a codificação da variável ano, foi utilizado 1 para 1998 até 11 para 2008.

Tabela 3. Média, desvio padrão e correlações

	Média	Desvio Padrão	1	2	3	4	5	6
1. Conceito do programa	6.18	1.02	1,00					
2. Ano	6.35	2.63	-0,20**	1,00				
3. Nº de artigos	6.64	8.66	-0,16**	0,03	1,00			
4. Nº de artigos A2 nacionais	1.01	1.82	-0,08*	-0,03	0,61**	1,00		
5. Nº de artigos internacionais	0.75	2.05	-0,06	0,11**	0,49**	0,33**	1,00	
6. Nº de artigos internacionais A1	0.07	0.34	-0,06	0,05	0,16**	0,12**	0,39**	1,00

Nota: As correlações são o r de Spearman. * = $p < 0,050$; ** = $p < 0,001$.

Com base na Tabela 3 é possível observar que os recém-doutores publicaram em média 6,6 artigos nos seis anos imediatos após a sua titulação, com cerca de 1 artigo em revista A2 nacional, em média, e apenas 0,75 publicações em revistas internacionais. A média de publicações em revistas internacionais de A1 foi de magros 0,066 por doutor.

Merecem observação as correlações negativas entre o conceito do programa e as variáveis de produção científica como o número de artigos publicados e de artigos A2 nacionais. Também vale notar as correlações positivas entre os vários indicadores de produção, apontando que os pesquisadores mais prolíficos são também os que tendem a ter melhor desempenho em todos os níveis de publicação. Por fim, as correlações mostram que pessoas que se titularam recentemente têm maior número de publicações internacionais do que os titulados em anos anteriores.

3.1 Análise por instituição

Nas tabelas seguintes, expandimos os dados descritivos para mostrar os percentis referentes a cada tipo de publicação em cada uma das instituições. As diferenças na produtividade determinadas pela instituição é significativa de acordo com um teste de médias U de Kruskal-Wallis rodado ($p < 0,05$). Para melhor entendimento, a leitura dos percentis deve ser feita de acordo com o seguinte exemplo: conforme o 90º percentil do programa FEA/USP intercepta a marca de 28 artigos publicados, sabemos que 90% dos egressos da FEA/USP publicaram até 28 artigos, enquanto os 10% restantes publicaram mais de 28 artigos. A tabela 4 contém as distribuições de percentis, as porcentagens de egressos que publicaram artigos e a média de artigos publicados. É possível notar que apenas 66,8% e 69,2% dos egressos dos programas FGV/SP e UPM, respectivamente, publicaram qualquer artigo no período da pesquisa – ou seja, 33,2% dos doutores titulados pela FGV/SP e 31,8% dos doutores formados pela UPM não publicaram um único artigo nos seis anos após sua titulação. Em

contraste, alguns programas menores, e de menor conceito, chegam a ter 100% dos seus titulados recém-doutores com publicações no período observado. É o caso de, por exemplo, os titulados pela UFPE, ou pela UFLA com 94,4% de egressos que publicaram no período observado.

Os contrastes apontam que um pequeno número de pesquisadores pode estar a realizar a maioria da pesquisa e, por outro lado, há uma enorme parte que publica pouco ou nada. Ao observar os percentis, é possível ver que nas instituições UFPE e UFLA, o 50º percentil intercepta 11 e 8 artigos publicados, respectivamente. Em outras palavras, 50% dos doutores formados por estes programas tem até 11 e até 8 publicações, respectivamente. Enquanto nos percentis mais altos, 95% dos egressos da UFPE tem até 41,4 artigos publicados, tendo os outros 5% mais que 41,4 artigos. Por outro lado, alguns programas tem uma produção menor - no 50º percentil, os programas FGV/RIO, PUC/RIO e FGV/SP publicaram até 2 artigos. O programa FEA/USP se destaca pelo maior número de artigos publicados pelos seus alunos de maior destaque, pois no 99º percentil, é possível ver que os 1% mais prolíficos publicaram mais de 54,7 artigos.

Tabela 4. Análise de percentis: Artigos publicados pelos recém-doutores, por instituição (1998-2008)

Instituição	Percentis							% de egressos que publicou	Média de artigos publicados por egresso
	99	95	90	80	70	60	50		
UFPE	44,3	41,4	36,6	23,8	16,0	13,2	11,0	100,0%	15,5
UFLA	34,6	29,2	21,7	15,0	11,9	9,4	8,0	94,4%	10,5
UFMG	47,2	28,5	19,9	17,0	10,7	9,0	6,5	90,4%	9,9
UFRGS	27,8	21,6	16,6	12,0	10,0	7,4	6,0	87,6%	7,4
FEA/USP	54,7	28,0	16,0	11,0	8,0	5,8	4,0	76,9%	7,2
UFRJ	20,0	19,1	16,2	9,2	8,3	7,4	6,0	86,7%	6,7
FGV/RIO	19,8	19,1	15,0	7,4	6,0	2,8	2,0	73,7%	4,9
PUC/RIO	28,6	11,9	9,0	7,8	4,0	3,6	2,0	81,8%	4,8
UFBA	17,0	13,0	10,0	8,0	6,0	4,0	4,0	85,7%	4,7
FGV/SP	29,3	15,9	12,0	8,4	6,0	3,0	2,0	66,8%	4,6
UPM	12,6	11,2	9,2	6,0	6,0	5,2	5,0	69,2%	4,2

Nota: Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

Com os dados sobre a publicação em revistas A2 nacionais, é possível observar que na maior parte das instituições, 50% dos doutores egressos nunca publicaram em uma revista A2 nacional, conforme aponta o 50º percentil de todas as instituições com exceção da PUC/Rio e UFMG. No 70º percentil é possível ver um destaque no programa UFRGS, onde 70% dos egressos publicaram até 2 artigos de destaque nos anos da pesquisa. Nos percentis mais altos, se destacam a UFMG e a FEA/USP, onde os 1% mais prolíficos destes programas publicaram mais de 8,96 e 8,67 artigos A2 nacionais, respectivamente. Estes resultados corroboram o pressuposto que os melhores pesquisadores acabam por publicar boa parte dos artigos no estrato A2, enquanto a grande maioria publica pouco ou nenhum artigo neste estrato.

Tabela 5. Análise de percentis: Artigos publicados em revistas A2 nacionais pelos recém-doutores, por instituição (1998-2008)

Instituição	Percentis							% de egressos que publicou	Média de artigos A2 nacionais publicados por egresso
	99	95	90	80	70	60	50		

UFMG	8,96	5,45	4,0	2,8	2,0	1,0	1,0	59,6%	1,6
UFPE	6,64	5,2	3,8	2,6	1,4	1,0	0,0	46,2%	1,4
UFRGS	7,96	4,8	4,0	2,2	2,0	1,0	0,0	49,5%	1,3
UFLA	5,49	3,45	3,0	2,6	1,0	0,2	0,0	38,9%	1,1
PUC/RIO	4,79	3,9	2,0	2,0	1,0	1,0	1,0	54,5%	1,1
FGV/SP	8	6,0	3,0	2,0	1,0	0,0	0,0	35,9%	1,0
FEA/USP	8,67	4,0	2,0	1,0	1,0	0,0	0,0	36,8%	0,8
UFRJ	6,84	3,55	2,1	1,0	1,0	0,0	0,0	33,3%	0,8
FGV/RIO	4,64	3,2	3,0	1,4	0,0	0,0	0,0	26,3%	0,7
UFBA	6,95	3,0	1,9	1,0	1,0	0,0	0,0	35,7%	0,7
UPM	1,88	1,4	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	46,2%	0,5

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

Quando analisados os percentis de publicação internacional, alguns programas se destacam. Como é o caso da UFPE onde no 50º percentil, observa-se que os egressos apresentam até uma publicação internacional. Em outras palavras, no programa da UFPE, 50% dos egressos publicaram um artigo internacional ou mais nos anos da pesquisa. Enquanto isso, alguns programas não tem um foco em artigos internacionais, como é o caso da UFBA, onde o 90º percentil indica que em 90% da amostra não se encontra nenhum artigo internacional publicado.

Tabela 6. Análise de percentis: Artigos publicados em revistas internacionais pelos recém-doutores, por instituição (1998-2008)

Instituição	Percentis							% de egressos que publicou	Média de artigos internacionais publicados por egresso
	99	95	90	80	70	60	50		
UFRJ	12,7	10,2	5,3	2,0	1,0	1,0	0,0	43,3%	1,8
UFPE	3,9	3,4	3,0	3,0	2,4	1,2	1,0	53,8%	1,3
UFLA	4,8	4,2	3,3	1,6	1,0	1,0	0,5	50,0%	1,1
PUC/RIO	17,6	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9,1%	1,1
UPM	9,8	5,0	1,0	0,6	0,0	0,0	0,0	23,1%	1,0
UFRGS	7,0	4,8	2,6	1,0	1,0	0,0	0,0	34,3%	0,9
FEA/USP	11,3	4,0	2,0	1,0	0,0	0,0	0,0	27,8%	0,8
FGV/RIO	5,6	4,2	2,4	1,0	0,0	0,0	0,0	26,3%	0,7
UFMG	9,5	4,9	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	19,2%	0,7
FGV/SP	6,0	2,0	2,0	1,0	0,0	0,0	0,0	22,8%	0,5
UFBA	2,2	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,1%	0,1

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

Na publicação de artigos internacionais A1, os mais conceituados, percebemos as dificuldades dos pesquisadores brasileiros em publicar neste estrato. Na maioria dos programas, não houve uma única publicação internacional A1. Já alguns programas se destacam. O programa mais bem-sucedido neste estrato é a UFRJ, onde no 90º percentil, observa-se que os 10% mais proeminentes dos egressos da UFRJ têm o mérito de um artigo A1 em seu Lattes. Outros programas também se destacam, como o UFLA e UFRGS, pois mesmo com um número alto de egressos, possuem percentuais altos de egressos que publicaram artigos A1. Porém, é visível a dificuldade em publicar artigos deste nível para a maioria dos pesquisadores brasileiros.

Tabela 7. Análise de percentis: Artigos publicados em revistas internacionais A1 pelos recém-doutores, por instituição (1998-2008)

Instituição	Percentis							% de egressos que publicou	Média de artigos A1 publicados por egresso
	99	95	90	80	70	60	50		
UFRJ	3,0	2,6	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7%	0,3
UFLA	2,5	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,6%	0,2
UFRGS	2,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,6%	0,1
FEA/USP	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,3%	0,1
FGV/SP	1,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8%	0,1
UFBA	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,8%	0,1
FGV/RIO	0,8	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,2%	0,1
UFPE	1,0	0,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,6%	0,1
PUC/RIO	1,0	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,5%	0,0
UFMG	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0%	0,0
UPM	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0%	0,0

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

3.2 Perfis de pesquisadores

As análises anteriores permitiram identificar que parece haver um pequeno número de pesquisadores que publicam uma grande parte dos artigos. Com base nesta evidência parcial da existência de poucos pesquisadores altamente prolíficos e um número grande de pesquisadores com desempenho de publicação bastante baixo, realizamos uma análise de clusters de K-médias.

Tabela 8. Formação de clusters

	Cluster		
	1	2	3
Total de artigos	41,4	14,7	2,9
A2 Nacionais	3,7	2,5	0,5
Internacionais	6,5	1,6	0,3
Internacionais A1	0,2	0,1	0,0
N	21	166	547

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

A análise de clusters identificou três grupos distintos de pesquisadores doutores (Tabela 8). O grupo 1, composto por 21 pesquisadores, tem alto desempenho. Este grupo de “estrelas” tem em média 41,4 artigos publicados, 3,7 artigos A2 nacionais, 6,5 artigos internacionais e 0,2 artigos internacionais A1. O grupo 2, que compreende 166 pesquisadores é caracterizado por médio desempenho. Este grupo publica, em média, 14,7 artigos, 2,5 artigos A2 nacionais, 1,6 artigos internacionais e 0,1 artigos internacionais A1. O grupo 3 é o mais populoso (n = 547) e é o mais representativo da amostra. Os integrantes deste grupo têm, em média, apenas 2,9 artigos publicados nos seis primeiros anos de titulação, 0,5 artigos A2 nacionais, 0,3 artigos internacionais e 0,0 artigos internacionais A1. Genericamente este grupo publica pouco. Na Tabela 9 apresentamos os pesquisadores que constituem o cluster 1.

Tabela 9. “Estrelas” da produção científica

Nome	Conceito CAPES (2013)	Ano de titulação	Instituição onde concluiu PhD	Artigos	Artigos de A2 nacionais	Artigos internacionais	Internac A1
Emerson Maccari	7	2008	FEA/USP	68	3	6	0
Flávia Scherer	6	2007	UFMG	62	1	12	0
Felipe Borini	7	2008	FEA/USP	57	10	14	3
Clandia Gomes	7	2007	FEA/USP	56	3	9	0
Eduardo Spers	7	2003	FEA/USP	50	2	0	0
Marcos Neves	7	1999	FEA/USP	53	1	12	1
André Leão	4	2007	UFPE	46	7	1	0
Gilnei Moura	7	2008	FEA/USP	48	2	6	1
Fátima Matos	4	2008	UFPE	39	0	3	0
Kelmara Vieira	5	2006	UFRGS	39	3	7	0
Luciano Toledo	7	2007	FEA/USP	37	1	1	0
Juliana Giraldi	7	2006	FEA/USP	37	9	10	0
Luiz Abrantes	5	2006	UFLA	36	3	0	0
Luiz Fávero	7	2005	FEA/USP	35	4	13	0
Kely Paiva	6	2007	UFMG	34	5	7	0
Wilson Amorim	7	2007	FEA/USP	33	1	2	0
Valdir Lameira	5	2007	PUC/RIO	32	0	22	0
Herbert Kimura	7	2002	USP e FVG/SP	30	8	9	0
Armindo Teodósio	7	2008	FGV/SP	31	3	0	0
Alexandre Carrieri	6	2001	UFMG	30	11	0	0
Francisco Costa	7	2007	FGV/SP	29	1	2	0

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

É possível ver a predominância dos programas de conceitos mais altos figurando no cluster de alto desempenho. Em especial emerge que a FEA/USP é não apenas a maior formadora de novos doutores como também é o celeiro dos doutores mais produtivos. Ainda assim, há titulados por vários programas doutorais dos vários conceitos CAPES. Ou seja, a instituição de titulação não é um indicador (pelo menos não um indicador perfeito), da produtividade futura dos titulados; e mesmo os recém-doutores formados em programas de conceito mais baixo podem atingir alta produtividade.

Mas, mesmo entre as “estrelas” há enormes disparidades. Por exemplo, enquanto Emerson Maccari e Flávia Sherer, no topo da lista, publicaram 68 e 62 artigos no período, Francisco Costa publicou cerca de metade (29 artigos). Comum à generalidade é o baixo número de artigos internacionais A1, parâmetro onde se destaca Felipe Borini, com 3 publicações no período.

O primeiro cluster é basicamente formado pelos pesquisadores com o maior número de artigos publicados. Ou seja, esta análise não pondera a qualidade relativa dos periódicos, apenas o volume de publicações. Na tabela 10 analisamos as produções segundo a qualidade dos periódicos. A tabela 10 inclui apenas os recém-doutores com dois ou mais artigos publicados em revistas A1 internacionais. Este grupo apresenta excelência na qualidade dos artigos publicados, como por exemplo, Valter Vieira, com cinco artigos A1 publicados em revistas internacionais e 15 em revistas A2 nacionais, e Jorge Carneiro, que possui 18 artigos publicados, dos quais 4 são em revistas A2 nacionais, 8 internacionais e 3 internacionais A1. Nas duas tabelas figura Felipe Borini, com 57 artigos publicados, dos quais três internacionais A1, no período.

Tabela 10. Pesquisadores com a maior produção A1 internacional

Nome	Conceito do programa	Ano de conclusão	Instituição	N. de artigos	Art. A2 nac.	Artigos inter.	Art. Inter. A1	Prog. Atual
Valter Vieira	5	2008	UNB	28	14	8	4	UEM
Felipe Borini	7	2008	FEA/USP	57	10	14	3	ESPM/FEA - FEA/USP
Luciano Barin-Cruz	5	2007	UFRGS	23	3	16	3	HEC Montréal
Claudio Barbedo	4	2008	UFRJ	20	8	5	3	IBMEC
Jorge Carneiro	4	2007	UFRJ	18	3	8	3	PUC-RJ
Priscila Claro	5	2007	UFLA	8	3	4	3	INSPER
Rosalvo Streit	5	2006	UFRGS	3	0	3	2	UCB
Leila Humes	7	2006	USP	3	0	3	2	FEA/USP
Felipe Zambaldi	7	2007	FGV/SP	14	2	4	2	FGV/SP
Thomaz Wood Jr.	7	1998	FGV/SP	16	8	4	2	FGV/SP

Fonte: Os autores com dados da pesquisa.

4. DISCUSSÃO

Este artigo analisou a produção científica – ou publicação de artigos em revistas científicas - dos recém-doutores em Administração nos programas brasileiros. As análises observam as produções e as instituições de titulação. Para isto, realizamos um levantamento censitário de todos os pesquisadores doutorados no Brasil entre 1998 e 2008 e examinamos a

sua produção nos seis anos subsequentes à obtenção do título. Os dados usados foram coletados nos cadernos de indicadores dos cursos recomendados da CAPES e nos Currículos Lattes.

Entre os principais resultados, o estudo destacou que um grande número de recém-doutores em Administração teve um desempenho de publicação bastante baixo. No entanto, mesmo este resultado necessita de uma abordagem contextual e institucional. Tem havido uma evolução substancial dos critérios e métricas de avaliação de pesquisadores e programas (Maccari et al., 2014). Em especial, a recente valorização dos artigos publicados em revistas científicas, que apenas após 2007 passaram a valer mais pontos na avaliação do que os artigos apresentados em congressos. Esta alteração requer que olhemos com cautela para comparações longitudinais contrastando os egressos de 2006, 2007 e 2008 que já são formados numa lógica de publicação em revista com os predecessores. Outras mudanças institucionais incluem as classificações e revisões periódicas do Qualis e da forma como as revistas são classificadas. Assim, algumas revistas podem ascender ou decrescer no estrato Qualis atribuído, com impacto na forma como mensuramos o desempenho de publicação.

Os resultados assinalam que há um grupo de pesquisadores com um alto nível de produtividade – que designamos por “estrelas”. De modo geral encontramos “estrelas” independentemente do conceito do programa onde se titularam. Um segundo grupo de estrelas também foi encontrado, possuindo um número comparativamente elevado de artigos internacionais A1, mesmo sem necessariamente ter um número total de artigos publicados acima do normal. Este segundo grupo pode se encaixar mais nos padrões das universidades americanas e europeias, que tendem a preferir poucos artigos publicados em revistas A1 (ou o equivalente em seus estratos) a muitos artigos em outros estratos.

Os resultados sobre o potencial impacto do programa doutoral revelaram que há uma correlação negativa entre o conceito do programa e o nível de publicação dos titulados nos seis anos após a obtenção do grau. O conceito do programa doutoral explica pouco o sucesso, ou fracasso, dos titulados. Ou seja, alguns programas com conceitos altos titulam doutores com baixas produções enquanto programas menores, com conceitos mais baixos conseguem titular doutores muito produtivos. No entanto, novamente, estes resultados precisam ser analisados com as devidas cautelas. Por exemplo, a FEA/USP tem o programa que titulou mais doutores e simultaneamente mais “estrelas”. Todos os programas doutorais titulam alguns pesquisadores prolíficos, mesmo que alguns programas mais do que outros, mas também todos têm egressos com baixo desempenho de publicações. Efetivamente, os conceitos dos programas fazem mais sentido quando comparados ao número de pesquisadores de alta produtividade, revelando que os programas doutorais com conceitos mais altos tendem a ter um maior número de pesquisadores entre os mais produtivos.

Há diversos aspectos a considerar na avaliação da produtividade dos recém-doutores. Por exemplo, pode estar relacionada a fatores como a integração em grupos de pesquisa (Lee & Bozeman, 2005; Antonio-García et al., 2014) e a proficiência em inglês (Man et al., 2004; Bauwens et al., 2012). Importa, portanto, entender a existência destas estruturas intermédias nos programas doutorais. Por outro lado, é razoável sugerir que programas com conceito mais alto tenham uma base de candidatos maior e assim possam selecionar os melhores estudantes (Conley & Önder, 2014).

Para explicar o alto número de recém-doutores de baixa produtividade, podemos recorrer à motivação para publicar e aos sistemas de incentivos. Ou seja, o que leva os doutorados a publicar? De maneira geral a produtividade dos pesquisadores é determinada por dois construtos, habilidade e motivação (Levin & Stephan, 1991). Segundo Falaster et al. (2014), os pesquisadores brasileiros ainda são primordialmente motivados pela satisfação

individual e intrínseca, mas também pelo reconhecimento que as publicações permitem que é valorizada por agências de fomento. Outros aspectos que motivam a publicação encontram-se nos requisitos institucionais de produtividade, avaliada pela CAPES. Ou seja, não há genericamente no Brasil um sistema de incentivos baseado em prêmios por produção (ainda que existam na PUC-Rio; FGV/Rio, FGV/SP e, recentemente, na FEA/USP). Também no Brasil não é evidente que a produção científica seja o critério fundamental para a contratação, promoção, aumentos salariais, ou outros benefícios (Ferreira, 2015). Assim, emerge um contraste óbvio entre a realidade institucional brasileira e a de, por exemplo, o Reino Unido e os Estados Unidos, dado que nestes países os próprios empregos podem ser colocados em dúvida se não atingirem um nível mínimo de publicações (Baccini et al., 2015).

Visto as sucessivas alterações institucionais que têm matizado o sistema de ensino superior brasileiro e, especificamente, na regulação dos programas de *stricto sensu* em Administração, houve pouca evolução na quantidade e qualidade das publicações. Apenas o número de publicações internacionais se mostrou uma correlação significativa com o ano de titulação do egresso (Tabela 3). Ou seja, não é evidente que o reforço das exigências institucionais seja suficiente para surtir efeito sobre a produtividade científica. Talvez a adoção de sistemas de classificação que priorizem as publicações de maior impacto (Ingwersen & Larsenn, 2014; Bouabid, 2014) conduza ao aumento da produção, como ocorreu em países que adotaram essas práticas (Hilton, 2014). Assim como em outros países, benefícios diretos para pesquisadores prolíficos podem aumentar a produtividade da academia brasileira como um todo (Stephan, 1996; Galbraith, 2014). Ainda assim, não temos evidência objetiva que esse seja o resultado, pelo que importa examinar atentamente os sistemas de incentivos vigentes para os objetivos desejados. Esta é uma questão de política institucional, mas é, também, nacional.

4.1 Limitações e pesquisa futura

Este estudo tem algumas limitações que importa reconhecer. Primeiro, é evidente que o cenário da formação de doutores no Brasil, assim como as exigências institucionais pelas quais os programas são cobrados tem mudado ao longo dos anos. O nosso estudo apenas analisou os recém-doutores formados entre 1998 e 2008 e para analisarmos um histórico de publicações de seis anos, não analisamos os titulados entre 2009 e 2014, pois estes não teriam, proporcionalmente, o mesmo tempo para que sua atuação pudesse ser comparada com seus pares. Assim, é possível que tenha havido mutações relevantes e que os níveis de produção dos atuais egressos sejam diferentes. Pesquisa futura pode estender este estudo para analisar essas evoluções.

Os resultados mostram que há três tipos de pesquisadores, os de alto desempenho, desempenho médio e baixo desempenho. É razoável sugerir que a qualidade da formação dada pelos programas influenciará o desempenho dos pesquisadores, porém, não é possível identificar o que diferencia um recém-doutor de alto, médio ou baixo desempenho, visto que há integrantes dos três grupos em todos os programas. Novas pesquisas podem indagar quais os fatores que determinam as diferenças de desempenho entre recém-doutores egressos, e, inclusive, dos egressos do mesmo programa. Ou seja, porque uns recém-doutores publicam mais do que os seus pares? Será, assim, possível examinar as questões do desempenho individual dos pesquisadores.

Nosso estudo traz indagações sobre a qualidade dos doutorados formados em programas de doutoramento de instituições brasileiras, entre estas questões, estão a baixa produção de uma grande parte dos doutorados. É visível que boa parte da amostra (71 doutorados) foram excluídos por não possuírem ou não terem seu currículo Lattes atualizado, requisitos básicos para sua permanência na academia. Desta forma, é possível que uma grande quantidade de

egressos tenham se absterido da função de pesquisa (ou da função acadêmica como um todo). Adicionalmente, basta um breve levantamento no sistema CAPES de cursos recomendados para observar que grande parte dos programas tem laços com o governo, sendo de instituições federais ou instituições privadas, que podem receber maior fomento quando em conceitos mais altos (Maccari et al., 2009). Como pesquisa futura, um levantamento comparativo entre o investimento – principalmente público – realizado para os programas e a qualidade em pesquisa – e mais importante, o abandono ou não da pesquisa – dos doutorados egressos seria oportuno e de relevante significância para a sociedade, visto que recursos públicos deveriam ser direcionados de forma a prevenir que resultados assim aconteçam.

REFERÊNCIAS

- Alcadipani, R. (2011). Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. *Cadernos Ebape*, 9(4), 1174-1178.
- Antonio-García, M., López-Navarro, I., & Rey-Rocha, J. (2014). Determinants of success for biomedical researchers: A perception-based study in a health science research environment. *Scientometrics*, 101(3), 1747-1779.
- Baccini, A., Barabesi, L., Cioni, M., & Pisani, C. (2014). Crossing the hurdle: The determinants of individual scientific performance. *Scientometrics*, 101(3), 2035-2062.
- Bartholomew, R. (2014). Science for sale: the rise of predatory journals. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 107(10), 384-385.
- Bauwens, L., Mion, G., & Thisse, J. (2012). The resistible decline of European science. *De Boeck Supérieur*, 77(4): 5-31.
- Bedeian, A. (2003). The manuscript review process: The proper roles of authors, referees, and editors. *Journal of Management Inquiry*, 12(4), 331-338.
- Bertero, C., Alcadipani, R., Cabral, S., Faria, A., & Rossoni, L. (2013). Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE*, 11(1), 181-196.
- Bouabid, H. (2014). Science and technology metrics for research policy evaluation: Some insights from a Moroccan experience. *Scientometrics*, 101(1), 899-915.
- Canela, R., Ferreira, M. (2014). *Por que escrevemos em coautoria? Juntar Carl Lewis com Leonardo da Vinci ou aumentar a produtividade?*. IX Simpósio Internacional de Administração e Marketing, ESPM, São Paulo.
- Carpenter, C., Cone, D., & Sarli, C. (2014). Using publication metrics to highlight academic productivity and research impact. *Academic Emergency Medicine*, 21(10), 1160-1172.
- Castro, C., & Soares, G. (1983). Avaliando as avaliações da CAPES. *Revista de Administração de Empresas*, 23(3), 63-73.
- Conley, J., & Önder, A. (2014). The research productivity of new PhDs in economics: the surprisingly high non-success of the successful. *The Journal of Economic Perspectives*, 28(3), 205-215.
- Falaster, C., Ferreira, M.P., & Canela, R. (2014). *Avaliação de artigos nos periódicos de administração: Lacunas, problemas frequentes e motivos de rejeição na perspectiva dos editores e revisores*. IX Simpósio Internacional de Administração e Marketing, ESPM, São Paulo.

- Ferreira, M. (2013). O processo editorial: Da submissão à rejeição (ou aceite). *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 12(3), 1-11.
- Ferreira, M. (2015). *Pesquisa em administração e ciências sociais aplicadas*. São Paulo, SP: Editora LTC.
- Galbraith, Q., Smart, E., Smith, S., & Reed, M. (2014). Who publishes in top-tier Library science journals? An analysis by faculty status and tenure. *College & Research Libraries*, 75(5), 724-735.
- Garfield, E. (1955). Citation indexes to science: A new dimension in documentation through association of ideas. *Science*, 122(1), 108-111.
- Garfield, E. (2006). The history and meaning of the journal impact factor. *Journal of the American Medical Association*, 295(1), 90-93.
- Harzing, A. (2010). *The publish or perish book*. Melbourne: Tarma Software Research.
- Hilton, M. (2014). Durham versus Durban: Quantifying productivity in astrophysics research. *South African Journal of Science*, 110(11 & 12), 90-92.
- Ingwersen, P., & Larsen, B. (2014). Influence of a performance indicator on Danish research production and citation impact 2000–12. *Scientometrics*, 101(2), 1325-1344.
- Lee, S., & Bozeman, B. (2005). The impact of research collaboration on scientific productivity. *Social Studies of Science*, 35(5), 673-702.
- Levin, S., & Stephan, P. (1991). Research productivity over the life cycle: Evidence for academic scientists. *The American Economic Review*, 81(1), 114-132.
- Maccari, E., de Almeida, M., Nishimura, A., & Rodrigues, L. (2009). A Gestão dos Programas de Pós-Graduação em Administração com base no Sistema de Avaliação da CAPES. *REGE Revista de Gestão*, 16(4), 1-16.
- Maccari, E., Almeida, M., Riccio, E. & Alejandro, T. (2014). Proposta de um modelo de gestão de programas de pós-graduação na área de Administração a partir dos sistemas de avaliação do Brasil (CAPES) e dos Estados Unidos (AACSB). *Revista de Administração*, 49(2), 369-383.
- Maccari, E., & Nishimura, A. (2014). Povoamento dos estratos conceitos 6 e 7 no sistema de avaliação da capes pela área de administração, ciências contábeis e turismo nas avaliações trienais 2010 e 2013. *Revista Eletrônica de Administração*, 20(3), 601-624.
- Man, J., Weinkauf, J., Tsang, M., & Sin, J. (2004). Why do some countries publish more than others? An international comparison of research funding, English proficiency and publication output in highly ranked general medical journals. *European Journal of Epidemiology*, 19(8): 811-817.
- Stephan, P. (1996). The economics of science. *Journal of Economic Literature*, 34(3), 1199-1235.
- Shigaki, H., & Patrus, R. (2013). O papel da produção intelectual no sistema de avaliação dos programas de Administração pela Capes. *TPA-Teoria e Prática em Administração*, 2(2), 126-150.
- Thoenig, J. C., & Paradeise, C. (2014). Organizational Governance and the Production of Academic Quality: Lessons from Two Top US Research Universities. *Minerva*, 52(4), 381-417.